

# Biopirataria é praticada por 'turistas'

O roubo de material genético de plantas, animais e fungos das áreas indígenas é praticado por cientistas que se passam por turistas e missionários

Ana Celia Ossame

O ex-coordenador das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab), Sebastião Machinery, 28, disse que apesar da disseminação maior de informações sobre a existência de biopirataria nas áreas indígenas, nas regiões dos rios Javari e Negro, ainda há muita facilidade para a entrada de cientistas identificados como turistas, missionários e pesquisadores que podem roubar conhecimentos do uso de plantas e animais como medicamentos.

Machinery, que participou do seminário realizado pela Coiab para discutir a biopirataria, que é o roubo de material genético de plantas, animais e fungos, apontou a necessidade de se levar para as aldeias as informações obtidas no encontro. "É preciso multiplicar o conhecimento dos índios de palavras como biopirataria, biotecnologia e biodiversidade", disse.

Membro da União das Nações Indígenas (Uni), sediada no Acre, Machinery explica que o encontro permitiu ter uma visão geral do tema, por isso é importante levar as idéias para serem discutidas nas bases. Ele reconheceu dificuldades para definir os critérios que determinarão os tipos de conhecimento a serem compartilhados com a comunidade científica e também quais os povos que terão o direito da patente por um determinado medicamento. Mas disse que esses temas terão que ser discutidos pelas comunidades.

**Informação** - O vice-presidente da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn), Maximiliano Menezes, 37, que vive no município de São Gabriel da Cachoeira (a 858 quilômetros de Manaus), avaliou o encontro como importante para troca de informações e também considerou necessário a realização de um trabalho para multiplicar esses conhecimentos. "Temos muitas palavras bonitas que não dizem nada para os índios, mas que podem interferir na sua sobrevivência, por isso precisam ser conhecidas".

A coordenadora da Organização dos Povos Indígenas de Roraima, Zeneide Sarmiento Pereira, 39, disse que a elaboração de estratégias para combater a biopirataria é o passo mais importante dado pelo seminário. "Ficou claro para nós o que é biopirataria e a parte que nos cabe no trabalho de evitá-la, impedindo a entrada de estranhos em busca dos conhecimentos sobre plantas e animais que temos", explicou.

Para Zeneide, ficou para trás o tempo em que os índios compartilhavam seus conhecimentos com estranhos sem entender que estavam entregando poder e dinheiro. "Hoje, discutimos como entrar no mundo científico e como repartir os nossos conhecimentos sabendo que nosso papel não é mais o de mero espectador", afirma.



Maximiliano Menezes (à esquerda) defende a multiplicação de informações para combater os biopiratas nas áreas indígenas

Fotos: João Pinduca Rodrigues